

# NASCE UMA NOVA INVASÃO

Raimundo Paccó



*Munidos de facão e enxada, os invasores chegam de todas as maneiras, escolhem o local do barraco e se instalam, cercando o "lote" com arame farpado*

bus com ela, começou a roçar o mato. Não almoçou. Levou só pão seco. Água pediu para os moradores do Riacho Fundo — a cidade fica do outro lado da pista de asfalto que segue para Taguatinga.

“Vamos improvisar. O pessoal ajuda. Vou botar um colchão e dormir aqui no chão”, diz. “Não é fácil, não. Mas temos que lutar”, conforma-se. Amigo dela, o motorista de caminhão desempregado, Edson Cardoso Naves, 35 anos, chegou mais prevenido na invasão. Pagou R\$ 5,00 para um carroceiro levar estacas velhas recolhidas em terrenos baldios e um pedaço de lona para o local. O arame farpado ele comprou. É novo.

“Desde os 18 anos tenho inscrição e nunca me chamaram. Todos os invasores ganham, menos eu”, protesta

ta o pai de três filhos, o mais novo com apenas sete meses. “É humilhante invadir, mas a necessidade leva a gente a fazer isso. Se tivesse condição de continuar pagando aluguel, já mais estaria nessa.” Edson diz morar de favor, num barraco da QSE 3, em Taguatinga Sul. Hoje promete levar a mulher e os filhos para o barraco que espera estar pronto.

Vale qualquer esforço para conseguir um pedaço de chão. Mesmo para quem nunca pegou uma enxada na vida. A viúva Francisca de Assis Pereira, 63 anos, e o neto Luís Mauro, 12 anos, não desanimaram. Sob o sol

forte da manhã de ontem, revezavam-se para limpar a área onde ergueriam o barraco.

“Tô enjoada de pagar aluguel”, diz dona Francisca, que senta um pouco no tamborete de madeira para descansar e beber água no garrafa de plástico.

“Não tenho nem material para construir meu barraco. Mas daqui não saio. Senão a gente fica sem o lote”, explica. Dona Francisca e dois netos moram no Areal. “Há oito anos”, diz a piauiense da capital, Teresina.

A área invadida está sem fiscalização. Os invasores não têm dificuldade

para entrar. Às 14h de ontem, duas kombis de frete descarregaram entulho diante de um loteamento novo, definido com arame farpado. São madeirites e pedaço de pau. “Material velho que pedi numa construção no Riacho Fundo”, conta Osmane Lamounier, 38 anos, pintor de letreiros. O frete das duas kombis custou R\$ 30,00.

Osmane mora com a mulher e dois filhos na quadra 4 do Riacho Fundo II. Admite ter condições de pagar o aluguel, mas acha “desaforo” continuar arcando com a despesa mensal, enquanto invasores ganham lote. “Que dá para pagar aluguel dá, mas tenho o mesmo direito de também invadir”, diz.

Ele já ouviu os últimos discursos do governador Joaquim Roriz. Nem por isso resistiu ao impulso de invadir.

“Sei que ele disse que não vai permitir invasão, mas isso é problema dele. Ele é que começou com isso. Deu lote pra gente que mora a menos tempo que eu aqui em Brasília”, reclama. O mineiro da cidade de Luz diz estar desde os três meses de idade no DF.

## DESCONFIANÇA

Mas nem todos os invasores falam dos motivos de estarem ali. São aqueles que têm carros na porta dos barracos. Na manhã de ontem um senhor engravidado observava, com os braços cruzados, o loteamento com arame farpado. “Moça, faça o seu trabalho e não seja indelicada. Estou aqui só olhando. Como você. Como qualquer brasileiro”, atreve-se em responder. Depois se irritou com o fotógrafo do Correio e fez ameaças. “Não me focalize, para o seu bem. Estou aqui por curiosidade apenas. Se você me focalizar, eu nunca vou te esquecer”, disse ao repórter fotográfico Raimundo Paccó.

Há três semanas, quando a reportagem do jornal esteve no Areal somente 19 barracos estavam em situação irregular. São famílias que já moravam no bairro de Taguatinga e que ficaram de fora do processo de regularização da antiga invasão do Areal, ainda no governo Cristovam Buarque. Há três meses ocupavam o lugar reservado para a construção de uma praça, fora do terreno de propriedade da Terracap.

Essas 19 famílias estão agora preocupadas. Temem ser prejudicadas em razão dos invasores que estão chegando. “A invasão só cresce. Só cresce. Não temos como impedir isso. A não ser que o governo venha nos ajudar”, diz Gabriel Ângelo Filho, 23 anos, caçador desempregado e representante do grupo das 19 famílias.

Como a fiscalização falhou, os fiscais da Terracap têm agora a missão de reprimir a invasão. Às 6h de ontem demoliram 14 barracos vazios e recolheram 450 metros de arame farpado. “Não podemos acabar com as invasões. Estamos ainda na fase do entendimento. Mas parece que o pessoal não está entendendo. O governador está dizendo que não permitirá invasão”, afirma João Carlos de Medeiros, presidente do Instituto de Desenvolvimento Habitacional do DF (Idhab).

■ Polícia disputa espaço com invasores. Leia na página 2